

A + B (14 out. 1886)

A. – Estive há poucos minutos com uma senhora, que veio desconsolada da sessão da assembleia geral, vulgo fusão. Rejeitou um passeio nesse dia, só para ter o gosto de ver a cousa, e não viu nada.

B. – Como, nada?

A. – Nada, ou quase nada, disse-me ela; tal qual a passagem de Vênus, tão rara como a fusão de câmaras, e que eu também não vi nem por sombras. Respondi-lhe galantemente, que a passagem de Vênus não era rara, visto que ela ia todos os dias à rua do Ouvidor, e que se a não via, é porque a rua do Ouvidor não é um espelho. Parece-me que disse uma fineza, não achas?

B. – Talvez duas; mas a questão é saber por que é que ela não viu nada.

A. – Espera. Dita a fineza, insinuei-lhe que era melhor que nesse dia tivesse ido ela comigo à câmara dos deputados...

B. – Mas não havia lá ninguém!

A. – Foi o que ela me replicou; eu disse-lhe que por isso mesmo que não havia ninguém, é que devíamos ir. Ela fez então o que devia: corou. Tu farias a mesma cousa; tu coravas.

B. – Mas se eu estou corando.

A. – Esperei que descorasse. Logo que descorou, expliquei-lhe que era para vermos, a gosto, na sala de espera, as tribunas que se mandaram fazer há tempos para os oradores, e que duraram, com perdão da palavra, *l'espace d'un matin*. Ela, que esteve em Paris, perguntou-me espantada por que eram muitas tribunas, em vez de uma, como viu lá. Respondi-lhe primeiramente, que as nossas eram duas, de vinhático e ridículas. Depois, dei-lhe a razão de serem duas.

B. – Que razão, homem de Deus?

A. – A razão foi terem feito a encomenda a um marceneiro que não tinha estado, por exemplo, em França, onde teria visto o que era a tribuna, que forma tinha, e em que lugar se punha; em seguida não terem emendado o regimento, que obriga a falar ao presidente, etc.

B. – És sincero? Confessa que pregaste a essa senhora uma formidável amolação.

A. – Ao contrário.

B. – Não acredito... tu...

A. – Achou tanto interesse, que me perguntou por que é que as tribunas estavam na sala de espera, à vista de todos; expliquei-lhe que era para consolação dos contribuintes atrasados. Em seguida, falou-me de um discurso do jovem deputado Afonso Celso Júnior, que concluiu pedindo a supressão das bolas de votação.

B. – Então a votação é por bolas?

A. – Aí está; você nem isto sabe. É por bolas; a cor da bola dá a significação do voto. Ela perguntou-me se cada bola tinha escrito o nome do deputado; naturalmente disse-lhe que não; se tivesse o nome escrito, quebrava-se o sigilo, que é a alma deste mundo e do outro. Para isso a câmara, quando quer votação nominal, há de votar primeiro que o quer, – coisa tão rara como a passagem de Vênus.

B. – Mas, com os diabos, voltemos ao princípio! Por que é que ela não viu nada?

A. – Agora o amolador és tu. Deixa-me concluir. Sabes o que ela me disse, depois de alguns minutos de reflexão? Que o melhor de tudo, nestas reformas parlamentares de uso interno, era fazer como se faz na indústria nacional dos chapéus...

B. – Essa agora!

A. – Foi o que eu lhe disse, mas por outras palavras delicadas; notei-lhe até certa contradição... Ela respondeu-me com um discurso do Martinho Campos.

B. – Mas isso não é mulher, é um volume de *Anais*!

A. – O Martinho Campos, disse-me ela, esclareceu este negócio dos chapéus, no senado; declarou que o nosso chapéu vem todo de França, aos pedaços; aqui o que se faz, é enformá-lo, expô-lo, comprá-lo e usá-lo. É o que se devia fazer com a tribuna. Depois, estendeu-me a mão, despedindo-se; eu perguntei-lhe por que motivo não vira nada na assembleia geral.

B. – Enfim!

A. – Ela emendou a mão. Ver, sempre viu alguma coisa; mas ia com a esperança de uma sessão cálida, agitada, muitos discursos; ouviu apenas três; não ouviu o primeiro, mas há de lê-lo, quando sair.

JOÃO DAS REGRAS [MACHADO DE ASSIS]
[*Gazeta de Notícias*, p. 1, 14 out. 1886]
Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda